

# Deus acima do tempo

**ANGUS STEWART**



Deus acima do tempo

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Legado Reformado

[www.legadoreformado.com](http://www.legadoreformado.com)

Produção Editorial :

Editor : Henrique Curcio

Tradução : Diego Moura

Revisão : Diego Moura

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço : [permissões@legadoreformado.com](mailto:permissões@legadoreformado.com)

# *ÍNDICE*

<b>ÍNDICE .....</b>	<b>3</b>
<b>AS DUAS VISÕES DA ETERNIDADE DIVINA .....</b>	<b>5</b>
<b>PROVA PARA DEUS ESTANDO ACIMA DO TEMPO.....</b>	<b>11</b>
ESCRITURA .....	11
OS ATRIBUTOS DE DEUS .....	18
OBJEÇÕES DE DEUS ESTAR ACIMA DO TEMPO .....	24
A SIGNIFICÂNCIA DE DEUS ESTANDO ACIMA DO TEMPO.....	56
<b>COMO AJUDAR NOSSO MINISTÉRIO .....</b>	<b>75</b>

DEUS ACIMA DO TEMPO

*“Na esperança da vida eterna que o Deus que não  
pode mentir prometeu antes dos tempos eternos”*

*Tito 1:2*



## *As Duas visões da Eternidade Divina*

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus

significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser. Esta visão apresenta a eternidade de Deus como atemporal ou supertemporal. Louis Berkhof define a eternidade de Deus como “a perfeição de Deus na qual Ele é elevado acima de todo o limite temporal e de toda a sucessão de momentos, e possui o todo da Sua existência em um presente indivisível”<sup>1</sup>.

Berkhof está ecoando as famosas palavras de Boethius (p.480-524): eternidade é “a simultânea e perfeita [tota simul] possessão de vida ilimitada”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, rev. 1996), p. 60.

<sup>2</sup> Uma terceira visão, a de Eleonore Stump e Norman Kretzmann, procura mediar entre as duas visões básicas, vendo a eternidade de Deus como atemporal, mas possuindo duração (“Eternity”, *The Journal of Philosophy*, 78 [1981], pp. 429-458). Brian Leftow propõe uma versão modificada da tese de Stump e Kretzmann que busca enfatizar a atemporalidade (*Time and Eternity* [Ithaca, NY & London: Cornell University Press, 1991]). Katherin A. Rogers corretamente aponta que é incoerente predicar duração (ou seja, o fluxo do tempo) para aquilo que é atemporal (“Eternity Has No Duration”, *Religious Studies*, 30 [1994], pp. 1-16). Enquanto a terceira vista tenta mesclar as duas primeiras vistas, uma quarta vista as

Esta visão, conhecida como “visão clássica”, é também aquela de Atanásio, Basílio o grande, Agostinho, Gottschalk, Anselmo, Aquino, Lutero, Calvino e das tradições Reformada e Luterana. Portanto esta é a posição do Protestantismo histórico e do Catolicismo Romano.<sup>3</sup> A doutrina da atemporalidade divina era uma ortodoxia quase incontestável no milênio entre Atanásio e Duns Scotus,” escreve Brian Leftow, antes de observar que “Hoje, a afirmação de que Deus é temporal desfruta de uma aceitação quase universal entre filósofos e teólogos.”<sup>4</sup>

Deísmo, Socianismo, panteísmo e a teologia do

---

justapõe. William Lane Craig escreve: "Deus existe imutável e atemporal antes da criação e no tempo após a criação" ("Deus, Tempo e Eternidade", Estudos Religiosos, 14 [1978], p. 503; grifo meu). Essa visão, ao postular uma mudança em Deus na criação, é obviamente inconsistente com a imutabilidade de Deus.

<sup>3</sup> Nicholas Wolterstorff fala da "massividade da tradição eterna de Deus", uma vez que é mantida pela "grande maioria" dos teólogos na história da igreja cristã ("Deus eterno", em Clifton Orlebeke e Lewis Smedes (eds.), *Deus and the Good. Essays in Honor of Henry Stob* [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975], pp. 182, 181)

<sup>4</sup> Leftow, Op. cit. pp. 2-3. No final da Idade Média, Willam de Occam foi outro notável que desafiou a atemporalidade divina (Ronald H. Nash, *The Concept of God* [Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983], p. 73).

processo se unem na rejeição da atemporalidade de Deus como fazem os “teólogos da esperança”, como Emil Brunner.<sup>5</sup> Entre os filósofos que defendem a visão sempiterna da eternidade de Deus estão Nelson Pike, Nicholas Wolterstorff, Nicholas Everitt e Jonathan Harrison.<sup>6</sup> Além disso, os conservadores Americanos Presbiterianos, Robert L. Dabney e James Oliver Buswell Jr., podem ser colocados entre aqueles que abraçam a visão da eternidade de Deus.<sup>7</sup>

Mais recentemente, o evangélico filósofo-teólogo Ronald Nash tem se declarado indeciso: “É Deus atemporal ou um ser eterno? Até agora, eu não sei... O

---

<sup>5</sup> Emil Brunner, *The Christian Doctrine of God*, trans. Olive Wyon (Philadelphia, PA: Westminster Press, repr. 1974), pp. 266-271.

<sup>6</sup> Nelson Pike, Deus e atemporalidade (Nova York: Schocken Books, 1970); Wolterstorff, Op. cit., pp. 181-203; Nicholas Everitt, "Interpretações da Eternidade de Deus", *Estudos Religiosos* 34 (1998), pp. 25-32; Jonathan Harrison, *Deus, Liberdade e Imortalidade* (Brookfield, VT: Ashgate Publishing Company, 1999).

<sup>7</sup> Robert L. Dabney, *Lectures in Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1972), pp. 38-40; James Oliver Buswell Jr., *A Teologia Sistemática da Religião Cristã*, Dois Volumes em Um (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1962), 1:40-47. A afirmação de Nash de que Jonathan Edwards defendia essa visão (Op. cit., p. 73) é explicitamente refutada por John Gerstner (*The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards*, vol. 2 [EUA: Berea Publications, 1992], pp. 3- 4).

júri ainda está fora e, até o presente, eu não vejo nenhuma razão do porquê o teísmo não pode acomodar-se a qualquer interpretação.”<sup>8</sup>

Outro teólogo Americano contemporâneo, Robert L. Reymond, opta decisivamente pela eternidade.

A atribuição a Deus do atributo da atemporalidade (entendido como a ausência de consciência divina de duração sucessiva com respeito a sua própria existência) não pode ser suportada pela Escritura e nem é consistente em si mesma. No melhor das hipóteses, é somente uma inferência (e quase como uma falácia) a partir da Escritura... O Cristão deveria estar disposto a afirmar que a ordem de relações (antes, agora, depois), que são normalmente representadas como relações de tempo, também são verdadeiras para Deus assim como para os homens.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Nash, Op. cit., p. 83.

<sup>9</sup> Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998), p. 176; italics Reymond's.

## DEUS ACIMA DO TEMPO

Este artigo irá defender a visão clássica da eternidade de Deus. Dois tipos de provas para esta posição serão apresentados: aquelas diretamente da Escritura e aquelas de uma consideração de outros atributos divinos. Então vários argumentos contra esta posição serão examinados. Finalmente, o significado e a importância da atemporalidade de Deus devem ser insistidos. Ao longo do artigo, as debilidades do mero conceito eterno da eternidade de Deus serão apontadas.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> As visões da ciência moderna sobre o tempo não se enquadram na proveniência deste artigo. Para uma introdução à teoria da relatividade geral de Einstein e outras questões que são vivas, envolventes, mas incrédulas, veja Stephen W. Hawking, *A Brief History of Time* (Boston, MA: G. K. Hall, 1989).



# *Prova para Deus Estando Acima do Tempo*

---

*E s c r i t u r a*

Nós iremos formular três argumentos a partir da Bíblia sobre Deus transcendendo o tempo; o primeiro

a partir de uma consideração sobre o nome de Deus, Jeová. O Segundo a partir da criação e o terceiro a partir de seu governo sobre o tempo.

(a) Jeová. O nome pessoal de Deus é Jeová (Ex 6:2,3) que significa “Eu sou o que Sou” (3:14). Nenhum homem pode verdadeiramente declarar, “Eu sou o que sou”, porque antes de finalizar a sentença ele não será o que ele era. O tempo passa na própria afirmação de forma que o homem que pronunciou estas palavras é mais velho do que ele era antes de dizê-las. A razão para isto é que o homem é limitado pelo tempo, que é a sucessão de momentos. O futuro se torna o presente que se torna o passado. Das muitas coisas envolvidas no “Eu sou o que sou”, uma é que há uma identidade absolutamente perfeita entre o primeiro “Eu sou” e o segundo “Eu sou” na sentença. Isto significa que não há nenhuma mudança naquele que fala e, portanto, sem sucessão de momentos.<sup>11</sup>

Deus diz, “Eu sou”, quando falando com Moisés. Jesus Cristo declarou, “Em verdade, em verdade vos

---

<sup>11</sup> Que a eternidade de Deus e não meramente sua auto-suficiência ou imutabilidade é indicada em "Eu sou o que sou" é claramente sublinhado no versículo seguinte: "Este é o meu nome para sempre" (Ex. 3:15).

digo que antes que Abraão existisse, Eu sou” (João 8:58). Aqui o eterno Filho de Deus está falando não de acordo com Sua natureza humana, mas de acordo com Sua natureza divina que Ele possui com as outras duas Pessoas da Santíssima Trindade. Portanto Deus pode dizer “Eu sou” à Moisés e repetir esta declaração 1500 anos depois de acordo com Sua veracidade infinita (cf. “Em verdade, em verdade”). Claramente o tempo não introduziu mudança em Deus. Ele não está 1500 anos mais velho. Se existisse qualquer sucessão de momentos em Deus ou se Ele se movesse através do tempo o Filho teria que ter dito, “antes que Abraão existisse, eu era”.<sup>12</sup>

(b) Criação. A atemporalidade de Deus não é indicada somente no nome pessoal de Deus, mas é também indicada no primeiro verso da Bíblia: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1). A

---

<sup>12</sup> Cf. Stephen Charnock: "EU SOU é seu nome próprio. Esta descrição sendo no tempo presente, mostra que sua essência não conhece passado nem futuro" (The Existence and Attributes of God [Grand Rapids, MI: Baker, repr. 1979], p. . 79). Francis Turretin observa: "A versão francesa traduz apropriadamente [Jeová] em todos os lugares por l'Eternel porque a eternidade pertence eminentemente somente a ele" (Institutes of Elenctic Theology, trad. George Musgrave Giger, vol. 1 [Phillipsburg, NJ: P & R, 1992], p. 203).

primeira questão é, a que o princípio se refere? Não pode se referir a Deus porque, como o “Eu sou”, Ele não tem começo. Isto deve se referir, portanto, ao mundo. A segunda questão é, está criação inclui tempo? Em favor disto é a similaridade entre tempo e espaço. Os dois tem índices: tempo tem agora e depois, e espaço tem aqui e lá. Os dois tem dimensão. O tempo tem uma dimensão e o espaço três dimensões: comprimento, largura e altura. Por isso nós falamos de um universo de tempo e espaço. Estas são as categorias básicas de nossas mentes na qual colocamos algo. Nós dizemos, por exemplo, que a tempestade atingiu Miami (espaço) na sexta (tempo).

Contudo, esta idéia de um universo de espaço e tempo não é meramente produção do século XXI. Esta idéia é encontrada nos mistérios Helenísticos e desde os primeiros dias do pensamento Rabínico Judeu.<sup>13</sup> Mais importante ainda, é encontrada no Novo Testamento; fazendo isto, portanto, normativo. A palavra Grega *kosmos*, escreve Richard Trench, é “o

---

<sup>13</sup> Hermann Sasse, "aion, aionios," in Gerhard Kittel (ed.), *Theological Dictionary of the New Testament*, trans. and ed. Geoffrey W. Bromiley, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, repr. 1979), pp. 203-204, 206.

mundo contemplado sob aspectos do espaço,” enquanto aion é “o mesmo contemplado sob os aspectos do tempo”<sup>14</sup>. A partir disto segue-se que se a matéria foi criada ex nihilo, ou seja, não era pré-existente, então da mesma forma o tempo.

Assim sendo, em Hebreus nós lemos que Deus criou o tempo por meio de Jesus Cristo. Na sua frase inicial nós lemos que, por meio do Seu Filho, Deus fez os “mundos” ou “eras” (*epoiesen tou aionas*). No começo do capítulo 11 nós lemos, “Pela fé entendemos que os mundos [ou “eras”] pela palavra de Deus foram criados [kateertisthai tous aionas]” (11:3). Se traduzimos ou não aionas como “mundos” ou “eras”, o conceito de tempo é incluído pois, se a forma é escolhida, o mundo está sendo considerado sobre o aspecto do tempo. Isto claramente coloca o tempo na categoria da criação e não do Criador. Agostinho estava correto quando declarou sobre Deus, “Você é o criador

---

<sup>14</sup> Richard Chevenix Trench, Sinônimos do Novo Testamento (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1953), p. 214. Cf. Sasse: "O sentido de 'tempo ou curso do mundo' pode facilmente passar para o próprio 'mundo', de modo que aion se aproxima muito do kosmos." Sasse acrescenta: "Paulo usa como expressões equivalentes sophia tou kosmou [a sabedoria do mundo], sophia tou aionos toutou [a sabedoria desta época], e sophia tou kosmou toutou [a sabedoria deste mundo]" (1 Cor. 1 :20; 2:6; 3:19; Op. cit., p. 203; cf. p. 205).

de todo o tempo”<sup>15</sup>. Portanto, quando a Escritura fala de alguma coisa como sendo “antes da fundação do mundo”, isto significa “antes” do tempo, ou seja, atemporal.<sup>16</sup>

Uma possível objeção poderia ser levantada neste ponto: Por que deveria a criação do tempo excluir sua existência em Deus, desde que é dito que a criação original é boa e bondade é uma perfeição de Deus?<sup>17</sup> Aqui nós devemos distinguir entre Deus criando pessoas e coisas, e Ele comunicando Seus atributos a eles (de acordo com as suas respectivas capacidades criativas). Deus cria coisas como o tempo, homem, plantas etc., e o trabalho de Suas mãos refletem o seu maravilhoso Criador. Do outro lado, a teoria da eternidade de Deus meramente como eterno, teria

---

<sup>15</sup> Agostinho, *Confissões*, xi:13, trad. R. S. Pine-Coffin (Inglaterra: Penguin, 1961), p. 263. Esta é também a visão reformada, representada por Leonhard Riisen: "Deus criou todas as coisas no início dos tempos" (citado em Heppe, *Op. cit.*, p. 199).

<sup>16</sup> As Escrituras freqüentemente colocam o decreto de Deus "antes" da fundação da terra (por exemplo, Efésios 1:4; II Timóteo 1:9; Tito 1:2; I Pedro 1:20). Da mesma forma, lemos sobre o Filho estar com o Pai "antes que o mundo existisse" (João 17:5) e de Sua existência antemundana (Prov. 8:22-26) e participação ativa na criação (vv. 27-31; cf. 3:19).

<sup>17</sup> Gen. 1:4, 10, 12, 18, 21, 25, 31.

Deus criando uma versão finita de um de Seus atributos. Isto não é somente bizarro mas também sem paralelo. Os atributos comunicáveis de Deus, dos quais Adão (antes da queda) partilhou, eram qualidades que ele compartilhava de acordo com sua capacidade. Não havia atributo finito de conhecimento ou justiça ou santidade no mundo como uma versão finita do tempo infinito de Deus.

(c) O Rei das Eras. O atemporal Jeová não é somente o Criador do tempo, mas Ele é o Senhor do tempo também. 1 Timóteo 1:17 fala de Deus como “o Rei eterno” ou, mais literalmente, “O Rei dos séculos” (*basileus toon aioonoon*).<sup>18</sup> O senhorio de Deus transcende absolutamente e infinitamente aquilo sobre o qual Ele governa. Sendo assim, este texto apresenta Deus como o auto-suficiente, absoluto, soberano Senhor sobre o tempo, Sua criação. Ele governa sobre a igreja; Ele governa sobre o mundo ímpio; Ele governa sobre a criação; e Ele também sustenta e

---

<sup>18</sup> Este é um genitivo objetivo com o verbo *basileuoo* (reinar) implícito no substantivo *basileus* (rei; cf. R. C. H. Lenski, *A Interpretação das Epístolas de São Paulo aos Colossenses, aos Tessalonicenses, a Timóteo, a Tito e a Filemom* [EUA: Hendrickson Publishers, 1998], p. 527).

governa todas as eras e, portanto, o próprio tempo. O senhorio providencial de Deus sobre o tempo e sua criação do tempo necessariamente se envolvem, porque Deus é Senhor daquilo que Ele cria e aquilo que Ele cria ele sustenta e governa de acordo com Sua soberana vontade. Além disso, desde que Deus criou o mundo do espaço e governa sobre este, Sua criação do mundo do tempo necessita que Ele também o governe.<sup>19</sup>

Os argumentos (a), (b) e (c) acima, relacionam a atemporalidade divina ao Seu nome, Sua criação e Seu governo sobre todas as coisas. Assim sendo, quando pensamos sobre o próprio Deus ou a Sua criação ou a Sua providência, nós devemos pensar sobre o Altíssimo como sendo exaltado acima de todo o tempo.

---

*O s A t r i b u t o s d e D e u s*

---

<sup>19</sup> David Braine aponta: "Se as coisas criadas por causa de sua temporalidade precisam ser sustentadas na existência através do tempo, então Deus também o faria se fosse temporal" ("God, Eternity and Time - An Essay in Review of Alan G. Padgett, God, Eternity and the Nature of Time," *Evangelical Quarterly*, 66:4 [1994], p. 343).

A atemporalidade divina não somente é ensinada na Escritura, mas está também em harmonia com outros atributos divinos enquanto a mera eternidade não está. Aqui nós iremos considerar a evidência para a transcendência de Deus sobre o tempo a partir de Sua imutabilidade, simplicidade, independência e perfeição.

### *1. Imutabilidade*

Que Deus é imutável significa que Ele é infinitamente e absolutamente exaltado acima de toda a mudança e toda possibilidade de mudança no seu Ser, perfeição e decreto. A Escritura fala dEle como não tendo "mudança nem sombra de variação" (Tg 1:17). A imutabilidade de Deus é o primeiro atributo considerado aqui por causa da sua íntima conexão com a eternidade divina.<sup>20</sup> Brevemente o argumento é este.

---

<sup>20</sup> Este é um ponto muitas vezes feito por Agostinho (por exemplo, Confissões, xi:15, pp. 290-293) e é amplamente reconhecido por teólogos cristãos (cf. J. J. Van Oosterzee: "Mais intimamente ligado com esta eternidade do Ser Divino é o Imutabilidade [de Deus]" (Christian Dogmatics, trad. John Watson Watson e Maurice J. Evans [Londres: Hodder and Stoughton, 1878], p. 257). O Catecismo Maior de Westminster em seu tratamento das perfeições de Deus ensina que Ele é "imutável" imediatamente após afirmar que Ele é "eterno" (A. 7).

Se Deus está no tempo então Ele fica mais velho com o tempo e se o tempo está em Deus então existe uma sucessão de momentos em seu próprio Ser. Desde que o tempo, por definição, inclui mudança, da mesma maneira este Deus não é o Deus imutável apresentado nas Escrituras (cf. Ml. 3:6) mas sim um ídolo.<sup>21</sup> De outro lado, se Deus é acima do tempo, não há nenhuma possibilidade de mudança porque Ele é infinitamente exaltado acima do tempo. Desta forma estes dois atributos, a imutabilidade e a atemporalidade de Deus, necessariamente se envolvem um com o outro e são perfeitamente harmoniosos.

## 2. *S i m p l i c i d a d e*

Herman Hoeksema define a simplicidade de Deus como significando que Ele “não é composto, que sua essência e virtude são idênticas, que Ele é suas virtudes, e que todas as suas virtudes são absolutamente uma nEle.”<sup>22</sup> A visão eterna da

---

<sup>21</sup> Cf. Agostinho: "Se o tempo nunca mudasse, não seria o tempo" (Confissões, xi:14, p. 263).

<sup>22</sup> Herman Hoeksema, *Reformed Dogmatics* (Grand Rapids, MI: RFPA, 1966), p. 73.

eternidade de Deus está muito distante disto porque esta visão apresenta a duração de Deus como capaz de divisão. A eternidade de Deus pode ser considerada como parte ante (infinito tempo passado até o presente) e como parte post (infinito tempo para o futuro). Desta forma Deus pode ser dividido em dois. Além disso, Ele pode ser dividido em um número vasto de partes dentro destas duas partes, e então dividido denovo e denovo e denovo.

Além disso, desde que a simplicidade divina ensina que Deus é e não meramente possui Seus atributos, um Deus sempiterno não somente possui tempo infinito, mas é tempo infinito.<sup>23</sup> Portanto, de acordo com a visão da eternidade de Deus, segue-se que nós podemos nos dirigir a Deus não somente como Ele sendo a Verdade ou o Imutável mas como Infinito Tempo. Similarmente, nós deveríamos adorar a Deus não meramente como Sabedoria Perfeita e o Bem absoluto mas como Tempo Infinito, isto é, infinita

---

<sup>23</sup> Cf. Polanus a Polansdorf: "Em Deus não há nada que não seja essência ou pessoa" (citado em Heppé, Op. cit., p. 58).

sucessão de momentos.<sup>24</sup> Assim nós estaremos adorando e servindo à criatura em vez do Criador (cf. Rom. 1:25).

### 3. *I n d e p e n d ê n c i a*

A independência de Deus é aquela perfeição de Deus na qual Ele é absolutamente e infinitamente todo suficiente não tendo nenhuma necessidade de qualquer coisa que seja fora dEle. Para o homem, tempo é externo (momentos passados no mundo) e interno (momentos passados na sua mente). Aqueles que ensinam que Deus passa pelo tempo e não meramente que existe tempo em Deus, tem alguma coisa externa à Deus antes da criação. No modelo deles, antes de Gn 1:1, era Deus e o tempo. Enquanto alguns advogam matéria pré-existente como por exemplo Aristóteles, estas pessoas advogam tempo pré-existente. Isto é dualismo e nega que Deus somente é o único Deus verdadeiro porque eles colocam um princípio outro que não seja somente Deus. Nós protestamos

---

<sup>24</sup> Se há tempo infinito e absoluto em Deus não deve haver também espaço infinito e absoluto em Deus? E Ele não deve, portanto, ser adorado como Espaço Infinito?

contra isto. Nós não devemos ter um deus Kronos ou Aeon (de duas palavras Gregas para tempo) ao lado do Deus vivo e verdadeiro.

Além disto, esta visão sempiterna de Deus o apresenta como limitado, vinculado e subserviente ao tempo. O tempo é o padrão ao qual Deus deve se conformar e de acordo com o qual Ele é regulado e medido. Isto é similar à noção de que há um padrão objetivo de justiça fora de Deus ao qual Ele deve cumprir e ao lado do qual Ele pode ser julgado. Contra isto o Cristão veementemente exclama, “Deixe Deus ser Deus! Deixe Deus ser o independente e todo-suficiente Deus!”

#### 4. *Perfeição*

A perfeição de Deus não é usualmente listada como um específico atributo divino na teologia contemporânea. Embora normalmente tratada sob o assunto do Ser de Deus, nós podemos justificar sua inclusão aqui pois Deus não só é Seus atributos, mas é seu Ser. A perfeição de Deus deve ser definida como sua bem-aventurança em Si mesmo como o melhor, maior e mais exaltado Ser sendo infinitamente

exaltado acima de toda fraqueza e deficiências, e sem nenhuma possibilidade de qualquer coisa acrescentar à Sua glória.

Se a independência de Deus exclui seu Ser no tempo, Sua perfeição exclui todo o tempo do Seu Ser. Tempo é mudança e mudança necessariamente envolve fraqueza porque mudança é uma melhoria no qual aquilo que está sendo mudado é envolvido em imperfeição antes da mudança, ou a mudança é deterioração, caso em que aquilo que é mudado participa de imperfeição pela mudança.<sup>25</sup>

---

*Objecções de Deus estar Acima  
do Tempo*

Quatro objeções a divina atemporalidade serão consideradas aqui: primeira, que não é bíblica; segunda,

---

<sup>25</sup> Cf. Tomás de Aquino, *Compêndio de Teologia*, I:8, trad. Cyril Vollert (St. Louis, MO e Londres: B. Herder Book Co., repr. 1955), p. 13. A este respeito, devemos notar que é como "o Deus eterno, o Senhor [isto é, Jeová], o Criador dos confins da terra" que Deus "não desfalece nem se cansa" (Is 40: 28). Aqui temos a eternidade de Deus tratada em conexão com Seu nome pessoal, Jeová, e Sua criação do mundo, as duas primeiras de nossas provas bíblicas da atemporalidade divina (seção II, 1, a-b). Além disso, a eternidade de Deus em Isaías 40:28 é claramente apresentada como algo incomparável e transcendente (vv. 18, 25).

de que é uma construção filosófica; Terceira, de que apresenta um Deus frio e estático; e quarta, de que faz a história sem significância.

### *1. Não é Escriturístico*

Nicholas Wolterstorff nivela a acusação: "A teologia que opta por Deus como sendo eterno [i.e., acima do tempo] não pode ser uma teologia fiel ao testemunho Bíblico." A maior força deste argumento já foi removida pela prova Escriturística para a atemporalidade descrita acima (na seção II, 1).

Talvez então a objeção poderia ser reformulada assim: essas reivindicações são periféricas para o testemunho bíblico. Isto também não vai segurar a água. Jeová é o nome de Deus *par excellence* no Antigo Testamento onde é usado cerca de 5,321 vezes como também sendo incluído em muitos nomes próprios, ex. *Jeosafá* (II, 1, a).<sup>26</sup> Criação é o primeiro grande trabalho de Deus recordado na Bíblia e sustenta toda a

---

<sup>26</sup> Também é encontrado 25 vezes na forma abreviada Jah, de acordo com Gottfried Quell ("kuriós", em Gerhard Kittel [ed.], *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. e ed. Geoffrey W. Bromiley, vol. 3 [Grand Rapids, MI: Eerdmans, repr. 1979], p. 1067).

revelação das escrituras (II, 1, b). Providência é o segundo dos três grandes trabalhos de Deus *ad extra* (II,1, c) e o terceiro, redenção, depende da criação e da providência.

Um melhor argumento seria de que a prova para a atemporalidade divina é, de alguma maneira, oblíqua e que os santos do Antigo Testamento podem não ter entendido as Escrituras desta maneira. Em resposta, nós admitimos que os crentes do Antigo Testamento e, de fato, muitos da era do Novo Testamento podem ter falhado em ver isto. No entanto, teologia é uma coisa diferente da história da religião. Neste artigo nós estamos lidando com o que as Escrituras objetivamente ensinam. Nós afirmamos com a Confissão de Westminster que aquilo que “é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela” está incluído em “todo o conselho de Deus” (I:6). Se os argumentos da Palavra de Deus na seção II são válidos, então nós insistimos que a atemporalidade divina é uma doutrina bíblica.

Nós devemos apontar aqui que *todas* as doutrinas bíblicas envolvem reflexão e comparação da Escritura

com a Escritura. Não há um texto que contenha uma doutrina desenvolvida da Santa Trindade nem da simplicidade divina, nem do pedobatismo, etc. Mas pode ser objetado que a atemporalidade divina é uma doutrina *particularmente* oblíqua e que a doutrina da Trindade, por exemplo, é ensinada em seu fundamento em Mateus 28:19: "em nome [i.e., um Ser] do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo [i.e., três Pessoas]." Aqui nós respondemos que Êxodo 3:14, Hebreus 1:2 e 11:3, e I Timóteo 1:17 ensinam da mesma forma que Deus está acima do tempo, que Ele criou o tempo e que Ele governa sobre o tempo.

Em uma aderência ligeiramente diferente, pode ser argumentado que existem outras passagens da Escritura que ensinam que Deus está no tempo. Imediatamente, nós devemos apontar que desde que mostramos que a Palavra de Deus ensina que Ele é acima do tempo, isto iria colocar as Escrituras em contradição e, portanto, Deus não pode estar no tempo. Os defensores do Deus sempiterno poderiam contestar que, se o caso deles pudesse ser provado a partir de outros textos bíblicos, isto exigiria um reexame dos meus argumentos da Bíblia de que Deus é

acima do tempo. Nossa resposta a esta questão deve ser um breve exame daqueles textos que parecem ensinar que Deus é eterno, mostrando que eles podem ser adequadamente entendidos no contexto de um Deus atemporal.

(a) *Salmo 90:2*. Os defensores de um Deus sempiterno apelam para o Salmo 90:2: “Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus.”

Eles argumentam desta maneira. (1) “De eternidade” é explicado pelas palavras anteriores como voltando “antes” da criação do mundo. (2) “Antes” é um indicador temporal. (3) Portanto, houve tempo antes da criação. (4) “A eternidade” deve ser explicada com referência a “de eternidade.” (5) Portanto, a eternidade de Deus consiste na Sua (infinita) extensão no tempo passado ao tempo futuro.

Há uma aparência de verdade nesta exegese, mas ela falha ao examinar o texto com a analogia da Escritura. Ao invés disto, nós devemos lembrar que o tempo foi criado com o espaço (cf. II, 1, b). Assim o salmista está falando da glória de Deus que preexiste o

mundo. Tudo o mais tem um começo, mas Ele eternamente *é*. O homem é uma criatura do tempo. Ele é concebido e nascido no tempo, ele vive no tempo e morre no tempo. Ele não conhece nada além de tempo e não possui linguagem adequada a um Deus atemporal. As Escrituras, em falando do Deus que é acima do tempo, deve, portanto, utilizar linguagem “temporomorfista” e “antropocrônica”.<sup>27</sup>

Desta forma, nós vemos a pedagogia divina. Deus nos diz que Ele existe infinitamente antes da criação do mundo e sempre irá existir, porque Ele é Deus. Isto é realmente uma coisa maravilhosa. Como podemos nós compreender aquEle que sempre tem sido e é sem começo? Uma consideração de outros textos, no entanto, indica que Deus é ainda maior que isto (cf. II, 1, a-c). Ele está acima do próprio tempo; Ele criou e governa o tempo. Aqui nossa perplexidade é ainda maior. Nós podemos somente pensar no tempo e as nossas idéias seguem umas as outras, mas Deus sabe de

---

<sup>27</sup> Para esses termos, veja John M. Quinn, "Eternity", em Allan D. Fitzgerald (ed.), *Augustine through the Ages: An Encyclopedia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), p. 319; Paul Helm, *Eternal God: A Study of God without Time* (Oxford: Clarendon Press, 1988), p. 2.

todas as coisas e vive sua própria vida perfeitamente cheia e abençoada acima da sucessão de momentos que é o tempo.

(b) *Salmo 102:27*. Outro texto que parece ensinar um Deus sempiterno é o Salmo 102:27: “Porém tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim.”

O argumento deles aqui é que a eternidade de Deus é a Sua existência sem fim, pois Seus “anos [uma referência ao tempo] nunca terão fim”. Em resposta, notamos que a frase “tu és o mesmo” ensina a imutabilidade de Deus que, como imutabilidade de Deus, é absoluta e infinita. A imutabilidade de Deus, como vimos (II, 2, a) é incompatível com qualquer sucessão de momentos em Deus.<sup>28</sup> Desta forma, nosso texto, ao falar dos intermináveis “anos” de Deus, está fazendo um nítido contraste entre a transitoriedade do homem e o Deus imutável que causa toda mudança (vv. 23-28). Isto não descarta que Deus esteja acima do tempo, mas o implica no ensino da imutabilidade. Além disso, muitos daqueles que afirmam que Deus é

---

<sup>28</sup> Essa compreensão do Salmo 102:27 se aplicaria também a Hebreus 13:8: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”.

sempiterno terão que concordar que isto usa um temporomorfismo, uma vez que eles não gostariam de dizer que um “ano” em Deus é a mesma coisa que é para nós.

(c) *Apocalipse 1:4*. “Às sete igrejas que estão na Ásia,” João escreve, “Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir...”<sup>29</sup>

Aquele mencionado em nosso texto não é o Espírito de Cristo pois Ele é mencionado na parte final deste versículo, nem Jesus Cristo, pois Ele aparece no versículo 5. Ao invés disso, Ele é o Deus Triúno. Que Ele “era” é uma referência a sua presença na criação (cf. Gn. 1:1; Jo 1:1) e que Ele “há de vir” é referenta à Sua vinda em Jesus Cristo no fim do mundo.

A referência à criação nos adverte contra qualquer idéia temporal de Deus (cf. II, 1, b; III, 1, a). Portanto não temos aqui uma apresentação de Deus como estando antes da criação temporalmente e existindo infinitamente no tempo futuro. Além disso, a referência a Deus como Aquele que “é” (*oon*) é entendida por todos como sendo um eco de Êxodo

---

<sup>29</sup> Cf. Rev. 1:8; 4:8; 11:17; 16:5.

3:14, que nos leva novamente para o “EU SOU O QUE SOU”, que é exaltado acima de todo o tempo (cf. II, 1, a).

(d) *Daniel 7:9*. Daniel 7:9 é o quarto texto que iremos considerar que é utilizado por aqueles que querem um Deus eterno. “...o Ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã...”

O argumento deles, a partir deste texto, é que há dias (ou pelo menos algum tipo de tempo) em Deus, e que Ele tem uma sucessão infinita de momentos até porque é dado à Ele o título “o Ancião de dias.” Nós concordamos que este texto fala do Deus triúno e não de Jesus Cristo, uma vez que o versículo 13 tem o Cristo ascendido aparecendo diante dEle para receber Seu reino mediador (v.14). No entanto, Daniel 7:9 contém um número de antropomorfismos. Se a veste branca de Deus e seu cabelo branco não são para ser entendidos literalmente, por que sua posse de “dias” tem de ser, já que muitos dos proponentes de um Deus sempiterno reconhecem que “dias” em Deus serão algo diferente do que é para nós (cf. III, 1, c)?

Qual então é o propósito de chamar Deus “o

Ancião de dias” em Daniel 7? A resposta se encontra quase à mão. Daniel 7, embora escrito no século VI aC, fala dos (próximos) poderes mundiais: o império babilônico, médio- persa, o grego e o romano. Além disso, Daniel 7 fala tipicamente do reino final do anticristo no final do mundo e da grande tribulação. Assim, o Deus que dá essa revelação para Daniel e que controla os séculos futuros, é mencionado com referência ao tempo. Ele é apresentado como um Rei glorioso assentado no Seu trono em Sua veste impecável e como “o Ancião de dias” cujos cabelos são brancos, indicando que Ele é respeitável com a idade. Aqui estamos dentro da esfera de Deus como o “Rei dos séculos” (1 Tm 1:17), o governante providencial do tempo (cf. II, 1, c). Portanto não há nada nessa linguagem figurada que seja inconsistente com o Deus que é acima do tempo, governando o futuro do mundo para a salvação de Sua igreja.<sup>30</sup>

(e) *Mateus 25:46*. Mateus 25:46 é o texto final que

---

<sup>30</sup> John Gill vai mais longe, afirmando que o "Ancião dos dias" não significa que Deus é "antigo em dias, ou através deles", mas que "ele é mais antigo que os dias; ele era antes de todos os dias, e sua duração não é para ser medido por eles" (*A Body of Divinity* [Atlanta, GA: Turner Lassetter, repr. 1950], p. 49; *italico Gill's*). Certamente isso está de acordo com a analogia das Escrituras.

iremos considerar que pode parecer ensinar que Deus é eterno e não acima do tempo: “E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.”

A cena é o Dia do Julgamento e o Filho do homem está fazendo a separação final e irrevogável entre os justos e os perversos impenitentes. Os defensores de um Deus no tempo argumentam que a felicidade do céu e os tormentos do inferno são intermináveis. A mesma palavra *aioonios* (a forma adjetiva de *aioon*) é usada em outros lugares em relação à Deus (e.g., Rom. 16:26). Portanto a eternidade de Deus é a Sua existência sem fim.

Embora concordemos que ambos os estados eternos do céu e do inferno são intermináveis e que o adjetivo *aioonios* é usado em relação à Deus e em relação ao céu e ao inferno, a conclusão de que a eternidade de Deus é, portanto, Sua existência sem fim é uma *non sequitor*. A palavra *aioon* e suas várias formas são usadas de maneira diferente em relação à Deus e todas as entidades criadas, pois, afinal, Ele é o Deus transcendente do céu e da terra.<sup>31</sup> No entanto há uma

---

<sup>31</sup> Cf. Sasse: "Como um predicado de Deus *aioonios* [isto é, eterno] contém não apenas o conceito de tempo ilimitado sem começo nem

razão pela qual a mesma palavra deva ser predicada tanto em relação à Deus como em relação ao céu e ao inferno. Como aponta Jonathan Edwards, a vida eterna envolve “constância e infinitude” no céu e no inferno. Os abençoados e os condenados não alternam entre glória e miséria; o destino deles está selado para sempre. Essas duas qualidades, constância e infinitude, são “dependentes da imutabilidade e falta de princípio de Deus”, que estão incluídas na Sua atemporalidade.<sup>32</sup>

Assim, quando as Escrituras, especialmente o Evangelho segundo João, falam de possuímos vida eterna antes de nossa morte física (e.g., Jo 3:16), isto significa que temos imutável e interminavelmente a grande benção da salvação de Deus através de Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Assim, a qualidade da nossa vida redimida é também indicada. A própria vida eterna de Deus é Sua comunhão atemporal na eterna Trindade e, pela graça, temos comunhão com este Deus vivo e verdadeiro por meio de Jesus Cristo (17:3; I

---

fim, mas também da eternidade que transcende o tempo" (Op. cit., p. 208; grifo meu).

<sup>32</sup> Gerstner, Op. cit., p. 4

Jo 5:20) <sup>33</sup> No entanto, nunca nos tornaremos atemporais como Deus, mesmo no estado de glória, pois o tempo pertence à criatura e a atemporalidade ao Criador.

## 2. *É uma Construção Filosófica*

Se, de acordo com seus críticos, Deus ser acima do tempo não é escriturístico, o que seria então? Emil Brunner e Nicholas Wolterstorff estão entre os mais inflexíveis de que este é um produto do Helenismo.<sup>34</sup> Wolterstorff escreve, “Estou convencido de... que o fato mais importante que explica a tradição do Deus eterno [i.e., Ele sendo acima do tempo] dentro da teologia Cristã, foi a influência de filósofos gregos clássicos nos teólogos antigos.”<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Uma vez que este é um artigo sobre o atributo de eternidade de Deus e não Seu atributo de longanimidade, uma longa consideração deste último é desnecessária. Basta dizer que a longanimidade divina não requer tempo em Deus. Como o Ser auto-suficiente e imutável, a longanimidade de Deus em relação a Si mesmo significa que Ele "nunca se cansa de seu perfeito deleite em si mesmo" (Hoeksema, Op. cit., p. 121).

<sup>34</sup> Brunner, Op. cit., pp. 266-268; cf. pp. 293-300, 241-247.

<sup>35</sup> Wolterstorff, Op. cit., pp. 182-183.

Wolterstorff continua dizendo que esta visão helenística e filosófica de Deus deve ser “renunciada”<sup>36</sup> Ele também percebe que a eternidade atemporal de Deus, imutabilidade, impassibilidade, asseidade e simplicidade se juntam “no modo integrado tradicional de entender a Deus.” Wolterstorff utiliza uma ilustração: “A imagem que me vem à cabeça é daqueles suéteres tricotados de tal maneira que, quando você puxa um fio, tudo se desenrola diante de seus olhos.”<sup>37</sup>

Wolterstorff nos mostra o que está em jogo nesta acusação. Se Deus não é atemporal, a igreja cristã estava seriamente errada no seu pensamento sobre Deus nos últimos dois milênios. Para usar a imagem de Wolterstorff, a igreja cometeu um grande erro no tricô e agora precisa desfazer todo o suéter e começar denovo. Todos os que atacam a doutrina de que Deus é acima do tempo devem considerar isso muito a sério. Mesmo aqueles teólogos conservadores que desejam apresentar Deus como eterno, mas não têm agenda

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 183.

<sup>37</sup> Nicholas Wolterstorff, "Free Space," *Modern Reformation*, 8:5 (Sept./Oct., 1999) p. 45. Wolterstorff returns to this imagery on page 47

para a reconstrução de toda a doutrina Deus, devem reconhecer o perigo aqui, especialmente à luz da simplicidade de Deus. Não se pode mudar nenhum aspecto de Deus sem mudar todos os outros.

Outro aviso deve ser feito. Se a doutrina da atemporalidade de Deus é uma filosofia grega, nosso entendimento dos credos também é influenciado. É certo que Atanásio se apegou a transcendência de Deus sobre o tempo e este é o ponto de vista do Credo Niceno-Constantinopolitano (381) na sua confissão de que Jesus Cristo foi “Gerado pelo Pai antes de todos os mundos [i.e. eras] (pro pantoon toon aionoon).”<sup>38</sup> Da mesma forma, o Credo de Calcedônia declara que Cristo foi “gerado do Pai antes de todas as eras (pro aionoon)” e o Credo Atanasiano fala de “O Pai eterno: o Filho eterno: e o eterno Espírito Santo” (10)<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Braine, Op. cit., p. 339; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, vol. 2 (New York: Harper & Brothers, 1877), p. 57.

<sup>39</sup> Ibid., pp. 62, 67. O segundo Capítulo do Concílio de Constantinopla II (553) é particularmente explícito: "Se alguém não confessar que o Verbo de Deus tem dois nascimentos, um desde toda a eternidade do Pai, sem tempo e sem corpo e o outro nestes últimos dias ... que ele seja anátema" (Henry R. Percival (ed.), *The Seven Ecumenical Councils*, em Philip Schaff e Henry Wace (eds.), *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, Segunda Série, Vol. XIV [Grand Rapids, MI: Eerdmans, repr. 1983], p. 312). Os credos reformados também

É, no entanto, irônico que Wolterstorff e Brunner ataquem a atemporalidade divina como filosofia quando Brunner é fortemente influenciado pelo existencialismo e Wolterstorff trai a influência do feminismo, da teologia da libertação e do humanismo. Além disso, quando eles defendem a visão “bíblica” da eternidade de Deus, somos lembrados que ambos repudiam a inerrância bíblica!

No entanto, especialmente porque nem todos os defensores da eternidade divina são heterodoxos, precisamos explorar ainda mais a relação entre a atemporalidade de Deus e a filosofia grega. “Em primeiro lugar,” observa Gordon Clark, “não existe uma teoria que possa ser chamada de ‘visão grega do tempo,’” pelo simples motivo de que havia várias escolas de pensamento.<sup>40</sup> De fato, “filosofia grega” neste contexto, se refere a Parmênides e Platão, e

---

falam de Deus como eterno (por exemplo, Confissão Belga 1; Confissão de Westminster II:1).

<sup>40</sup> Por exemplo, os estóicos tinham uma visão cíclica do tempo, Demócrito não discutia o assunto, e Aristóteles ensinava que o tempo não tinha começo nem fim e que o tempo é o movimento de qualquer corpo (Gordon Clark, "Time and Eternity", em John W Robbins (ed.), *Against the World: The Trinity Review, 1978-1988* [Hobbs, NM: The Trinity Foundation, 1996], p. 80).

àqueles que seguiram seus ensinamentos neste ponto.<sup>41</sup>

Dos remanescentes das obras de Parmênides que foram preservados, parece que ele ensinou que a eternidade está acima do tempo. Deve-se notar, no entanto, que Parmênides era um monista e, assim, como observa Clark, “Parmênides não tinha tempo nenhum.”<sup>42</sup> Para ele, todas as “opiniões” humanas do contrário, a única realidade é “uma bola única, eterna, sólida, absolutamente compacta, imóvel e imutável de coisas do mundo completamente transparentes e homogêneas, sem rachaduras ou falhas ou diferenciação ou qualidade de qualquer coisa dentro de sua substância.”<sup>43</sup>

Platão certamente ensinou que a eternidade estava acima do tempo e sua visão de mundo é um pouco menos estranha. Ele sustentou que havia muitas formas de atemporalidade, e que o tempo e tudo o que há nesta vida são somente sombras do mundo das

---

<sup>41</sup> Parmênides de Elea foi um filósofo grego do sul da Itália que floresceu na primeira metade do século V aC.

<sup>42</sup> Clark, Op. cit., p. 80.

<sup>43</sup> B. A. G. Fuller, *A History of Philosophy* (New York: Henry Holt and Co., rev. 1948), p. 63.

formas. Assim, ele não acreditava em um Deus pessoal e independente. Além disso, Clark também aponta que “Platão, talvez não com perfeita consistência, possui ciclos mundiais havendo, dentro de cada um destes ciclos, repetida evolução histórica do reinado à oligarquia, à democracia, à ditadura.”<sup>44</sup>

Assim, enquanto alguns pensadores gregos pagãos sustentavam que a eternidade era atemporal, nenhum deles ensinou que somente o Deus pessoal está acima do tempo, não importa a abordagem da doutrina do eterno Deus Triúno.<sup>45</sup>

Não devemos nos surpreender que alguns pagãos tenham chegado à visão da eternidade como um tempo transcendente em vista que Romanos 1:20 ensina que o “poder eterno e a divindade” de Deus são claramente vistos desde a criação do mundo.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> Clark, Op. cit., p. 81.

<sup>45</sup> Se a eternidade como atemporalidade pode ser descartada simplesmente porque Platão a sustentou, então a visão da eternidade como tempo eterno deve ser rejeitada, já que outro pagão, Aristóteles, a ensinou.

<sup>46</sup> Não estamos aqui defendendo a teologia natural. Platão e Parmênides distorceram a verdade da eternidade de Deus, como vimos acima, subvertendo-a em injustiça (cf. Rom. 1:18, 21, 23, 25).

Também não descartamos completamente que a possibilidade de que a idéia da eternidade como atemporalidade possa ter sido primeiramente sugerida a alguns dos primeiros teólogos dos filósofos pagãos. No entanto, insistimos que a própria Bíblia, como temos visto, ensina que Deus é acima do tempo. Como tal, essa visão deve ser mantida e confessada como a verdade de Deus.

3. *Apresenta Deus como  
estático e congelado*

Enquanto as duas primeiras objeções contra o Deus que transcende o tempo diziam respeito à Bíblia e à filosofia, essa é uma questão de estética. Muitos defensores de um Deus eterno alegam que um Deus que está acima do tempo é “estático”, “abstrato” e “congelado”. Vez após vez, ouvimos essa objeção em nossos dias. Além disso, Wolterstorff afirma que, em um momento de grande tristeza, ele achou a doutrina de um Deus eterno e impassível não apenas insatisfatória, mas “grotesca”.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> Wolterstorff, "Free Space," p. 45.

“Estático” fala de inatividade e imobilidade. É verdade que nós não ensinamos que Deus literalmente se move no tempo, mas então Ele também não se move no espaço. Aqueles que negam que Deus está acima do tempo também desejam negar que Ele está acima do espaço? A acusação de que o Deus atemporal é “frio” ou até mesmo “congelado” apresenta-O como carente de calor e amor. Nenhuma destas acusações pode ser provada.

Nossa primeira resposta à essa objeção é que, uma vez que provamos pelas Escrituras que Deus é atemporal, e a Bíblia O apresenta como o Deus sempre abençoado e o “Deus de todo conforto” (II Cor. 1:3), então Deus não é e não pode ser “estático”. Portanto, aqueles que se opõem à atemporalidade divina por razões estéticas, estão julgando o Deus das Escrituras de acordo com algum outro critério que não seja seus próprios atributos. Então eles formam um deus de acordo com suas necessidades (Sl 50:21). Isto é idolatria.

O Deus que é acima do tempo é o Deus Trúno do céu e da terra. O Pai está eternamente gerando o Filho, e o Pai e o Filho estão eternamente respirando o

Espírito. Além disso, estes relacionamentos intra-trinitários falam do intelecto de Deus (a Palavra) e das afeições (o Pai e o Filho respirando um após o outro em amor no Espírito). Além disso, o conselho de Deus sobre Suas obras *ad extra* não é um plano abstrato, mas o Seu plano vivo para a redenção de Sua igreja através de Seu Filho amado, para glória do Seu nome.

Percebe-se, a esse respeito, que o problema que os defensores do Deus eterno têm com a atemporalidade divina é que Deus não pode estar no tempo com eles como os humanos estão. Esta objeção merece um pouco mais de simpatia. De que maneira um Deus atemporal pode realmente se encontrar conosco e nos consolar? Esta questão é realmente difícil. Mas deixe ser notado que a maioria dos defensores de um Deus que está no tempo acreditam que um Deus fora do espaço pode encontrar-se conosco, criaturas do espaço, e então por que Ele não pode se encontrar conosco no tempo? Também pode parecer preferível para nós, quando estamos perturbados, que Deus venha a nós em forma física. Devemos então questionar a invisibilidade divina?

Basta dizer que o Deus invisível, que *criou* tempo e

espaço, pode se *encontrar* conosco no tempo e espaço. Se o Deus que é acima do tempo e espaço pode se unir, na Pessoa do Filho à natureza humana, não pode Ele consololar nossos corações pelo Espírito de Cristo? De fato, podemos mudar isto. Visto que o Deus atemporal é o verdadeiro Deus da Escritura, é apenas o Deus glorioso que transcende o espaço e o tempo que tem o poder e a sabedoria para criar e sustentar o mundo e para reunir, preservar, defender e socorrer Sua igreja que está no tempo.

Aqui também precisamos lembrar que Deus não é somente transcendente em todos os Seus atributos mas também imanente em todos os Seus atributos. Herman Bavinck escreve,

A eternidade de Deus não existe em abstrato: não é separada do tempo, mas é presente e imanente em todos os momentos do tempo. Existe, de fato, uma distinção essencial entre eternidade e tempo; mas há também analogia e similaridade de modo que o primeiro possa ser

imaneute e exercer influência no segundo.<sup>48</sup>

O Deus transcendente que é “o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo”, que habita “num alto e santo lugar”, é também o Deus imaneute que habita “com o contrito e abatido de espírito” (Isa. 57:15).

A imanência do Deus Triúno no tempo é claramente vista em Jesus Cristo. Em Jesus de Nazaré Deus é manifesto não somente no espaço, mas também no tempo. NEle, o Deus eterno entrou no tempo criado e o dividiu entre BC e AD. Aqui estava alguém relacionado “de uma vez ao tempo e à eternidade, à história e a Deus.” Colin Gunton resume isto bem: “A atenção à apresentação do Novo Testamento sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus, nos compele a afirmar que *nEle, o eterno amor de Deus se torna datável.*”<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Herman Bavinck, *A Doutrina de Deus*, trad. William Hendriksen (Grã-Bretanha: Banner, repr. 1991), pp. 156-157. Em outro lugar, Bavinck escreve: “O tempo em todos os seus momentos é permeado pelo ser eterno de nosso Deus” (In the Beginning: Foundations of Creation Theology, ed. John Bolt, trad. John Vriend [Grand Rapids, MI: Baker, 1999], página 49).

<sup>49</sup> Colin Gunton, “Time, Eternity, and the Doctrine of the Incarnation,” *Dialog*, 21 (1982), p. 266; italics mine.

Resta mostrar, brevemente, que a visão de Deus como estando acima do tempo não empobreceu a visão de Deus na história da igreja. Que lugar melhor para começar do que o famoso dizer de Boécio? Eternidade é “posse simultânea e perfeita de vida ilimitada.” Aqui, atemporalidade é definida em termos da perfeição de Deus e da infinidade gloriosa e sem limites (“ilimitada”) e até a “*vida*”!<sup>50</sup> Similarmente, os escolásticos medievais e os Reformadores e seus sucessores comumente falam de Deus como *actus purissimus* (mais pura realidade), que é Ele que possui todas as perfeições e nenhuma inatividade.

O que diremos sobre Agostinho? Existe um livro devocional que exponha melhor a glória de Deus do que sua imortal *Confissões*, contendo um longo tratamento da atemporalidade divina como no Livro XI da mesma? Também não é o caso que o livro de Agostinho, como um todo, apresenta um Deus rico e maravilhoso, embora o Altíssimo seja estático e frígido quando a Sua atemporalidade é discutida. Agostinho

---

<sup>50</sup> É verdade que Armínio modifica a definição de Boécio trocando “essência” por “vida”, mas não estamos muito preocupados em defender Armínio (The Writings of James Arminius, vol. 1, trad. James Nichols [Grand Rapids, MI: Baker, 1956], pp. 439-440).

finaliza o Livro XI com as seguintes palavras:

Mas longe de mim que tu, Criador do universo, Criador das almas e dos corpos, longe de mim pensar que tu conheces, desta maneira [i.e., por memória e expectativa], todas as coisas futuras e passadas. Tu as conheces de maneira muito, muito mais admirável e muito mais profunda. Com a expectativa dos sons que estão para vir e com a lembrança dos que passaram, varia a impressão e altera-se a sensação de quem canta cânticos conhecidos ou de quem ouve um cântico também conhecido; mas não é assim que te sucede a ti, que és imutavelmente eterno, isto é, a ti, verdadeiramente eterno Criador das mentes. Assim, pois, como conhecestes no princípio o céu e a terra, sem modificação do teu conhecimento, assim também fizeste no princípio o céu e a terra, sem alteração da tua ação. Confesse-te aquele que compreende e que te confesse aquele que não compreende. Oh! como és sublime, e os humildes de coração são a tua morada! Na verdade, tu levantas os que caíram e não caem aqueles de quem tu és a

sublimidade.<sup>51</sup>

No penúltimo capítulo das *Confissões* de Agostinho, nós vemos um Deus que está longe de ser “estático.”

Naquele Descanso eterno Tu descansará em nós, assim como agora Tu trabalhas em nós. O descanso que desfrutaremos será Seu, assim como o trabalho que fazemos agora é o Seu trabalho feito através de nós. Mas Tu, Oh Senhor, está eternamente trabalhando e eternamente descansando. Não é no tempo que Tu vês ou no tempo que Tu moves ou no tempo que tu descansas: contudo Tu fazes o que vemos no tempo; Tu crias o próprio tempo e o repouso que chega quando o tempo cessa.<sup>52</sup>

Na tradição Reformada nós vemos que o Deus

---

<sup>51</sup> Augustine, *Confessions*, xi:31, pp. 279-280.

<sup>52</sup> Agostinho, *Confissões*, xiii:37, p. 346. Para a rica visão de Deus dos pais da igreja, embora em relação à Santíssima Trindade, Bavinck escreve: "A bela idéia da fecundidade divina é enfatizada e repetida repetidamente pelos pais da igreja. unidade indistinta.' Nele está a plenitude da vida.Sua natureza é uma 'essência geradora e fecunda'; é capaz de desdobramento e comunicação. Quem nega essa fecundidade divina não figura com a verdade de que Deus é vida infinitamente abençoada" (*A Doutrina de Deus*, p. 308).

“eterno” é “a fonte transbordante de todo bem” (*Confissão Belga* 1). Similarmente, Herman Hoeksema declara, “Não há tempo para Deus [isto é, em Si mesmo]. Ele é plenitude infinita e constante, e constantantemente é tudo que Ele é, e vive constantemente toda a Sua vida infinita com perfeita consciência. Ele somente é o eterno EU SOU.”<sup>53</sup>

Stephen Charnock, em conexão com o prazer do Deus eterno no céu, escreve, “Deus é sempre vigoroso e florescente, um ato puro de vida, brilhando novos raios de vida e luz para a criatura, florescendo como uma primavera perpétua e satisfazendo o desejo mais amplo; formando seu interesse, prazer e satisfação com uma variedade infinita, sem nenhuma mudança ou sucessão.”<sup>54</sup>

Portanto, embora não estejamos sugerindo que a exaltação de Deus acima do tempo nunca tenha sido apresentada de maneira fria e abstrata (especialmente por alguns filósofos), de um modo geral a igreja tem visto a eternidade divina como uma bela verdade sobre

---

<sup>53</sup> Hoeksema, Op. cit., p. 74.

<sup>54</sup> Charnock, Op. cit., p. 89.

Deus, e têm apresentado isto de uma maneira quente e viva. No entanto, iremos aceitar o aviso implícito nos ataques dos oponentes da atemporalidade divina e procuraremos continuar na tradição de Agostinho e Charnock.

4. *Isto faz a História sem significado*

De acordo com Robert Reymon

Se as “palavras do tempo” de Deus para nós, em relação aos Seus planos e ações, não significam para Deus a mesma coisa que significam para nós, então, *para ele*, a criação do mundo ainda não tenha ocorrido; *para ele*, a primeira vinda de Cristo ainda pode ser uma coisa de profecia preditiva; *para ele*, a segunda vinda de Cristo pode ser coisa do passado; *para ele*, o cristão ainda pode estar no pecado e sob a condenação divina, ou, *para ele*, essas coisas e tudo mais pode ser passado, presente e futuro, tudo ao mesmo

tempo.<sup>55</sup>

Existem dois problemas aqui: linguagem e realidade da história. Nós iremos considerar, primeiramente, o último (realidade da história). De acordo com a visão clássica, Deus decreta eternamente todas as coisas em nosso mundo de espaço e tempo. Além disso, Ele as decreta em uma ordem específica. Por exemplo, a criação é decretada como ocorrendo antes do sacrifício de Cristo na cruz, que é antes da conversão de Agostinho, que é antes da escrita de Agostinho das suas *Confissões*, que é antes da segunda vinda de Jesus Cristo. Além do mais, o conhecimento, por parte de Deus, da sucessão do tempo e eventos que Ele decreta, não exige que Ele esteja no tempo. Antes, Ele conhece toda a história por meio do Seu decreto, ou seja, por Sua própria essência eterna.<sup>56</sup> Assim, Deus não é consciente *no* tempo, mas é consciente *do* tempo. Como escreve AH Strong: “Para [Deus], passado,

---

<sup>55</sup> Reimond, Op. cit., pág. 175; itálico Reymond. James Oliver Buswell, Jr., escreve em uma linha semelhante e, se alguma coisa, faz afirmações ainda mais ousadas (Op. cit., p. 47).

<sup>56</sup> Cf. Bavinck: "O teísmo bíblico vê o conselho de Deus como o elo que conecta Deus e o mundo" (The Doctrine of God, p. 339).

presente e futuro são “um eterno agora”, não *no senso de que não existe nenhuma distinção entre eles*, mas somente no sentido que Ele vê o passado e o futuro tão vividamente quanto Ele vê o presente”.<sup>57</sup>

Brunner declara que a atemporalidade de Deus faz do tempo uma “ilusão”.<sup>58</sup> Isto não se segue, nem Brunner prova o seu ponto. Gordon Spykman, que defende que Deus está acima do tempo, tem algumas boas observações que são úteis aqui:

A visão bíblica do tempo é enfaticamente diferente [de sua contraparte cíclica entre outros povos antigos]. O tempo é uma criatura da criação de Deus. É uma dimensão integral de toda a realidade criada. O seu movimento integral tem um começo e um objetivo bem definido, com novos começos e pontos de parada ao longo do caminho. O tempo é linear, sequencial e teleológico. Um momento antecipa outro. Há antes e depois. Cada segmento do

---

<sup>57</sup> Augustus Hopkins Strong, *Teologia Sistemática*, Três Volumes em Um (Valley Forge, PA: Judson Press, repr. 1979), p. 277; itálico meu.

<sup>58</sup> Brunner, *Op. cit.*, p. 266.

tempo envolve algo de importância única e irrepetível.<sup>59</sup>

Quando se alega que a história não tem significância, perguntamos: Para quem não tem significância? <sup>60</sup> História tem significância para o homem. Ele é uma criatura racional moral que será julgada de acordo com as ações feitas no corpo, cujo julgamento determina seu estado eterno. História tem significância e “interesse” para Deus, não porque Ele está limitado pelo tempo nem porque não sabe o que acontecerá, mas porque a história é a realização de seu eterno “beneplácito” (Efésios 1:5, 9) em glorificar o Seu nome por meio da salvação de Sua igreja em Jesus Cristo. Assim, não apenas o desenvolvimento do reino de Deus é histórico, mas também teleológico, com o objetivo final de que Deus seja “tudo em todos” (1 Co 15:28).<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Gordon J. Spykman, *Reformational Theology: A New Paradigm for Doing Dogmatics* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), p. 153.

<sup>60</sup> Cf. Reymond, *Op. cit.*, pp. 174-175; Buswell, *Op. cit.*, p. 47; Brunner, *Op. cit.*, pp. 266-267.

<sup>61</sup> Embora existam muitas afirmações verdadeiras que podemos fazer sobre a transcendência do tempo de Deus e Sua ordenação da história, reconhecemos que "a relação da eternidade com o

No que diz respeito ao problema da linguagem em relação ao Deus que está acima do tempo, reconhecemos que isto apresenta dificuldade. No entanto, se Deus pode ser perfeitamente abençoado, embora a Bíblia diga (antropopaticamente) que “pesou-lhe em seu coração” (Gen. 6:6), e se Ele pode estar acima do espaço embora a Bíblia tenha ditto que Ele “desceu” para ver a torre de Babel (11:5), por que Ele não pode atemporalmente conhecer, amar, consolar, falar, etc?<sup>62</sup> A observação de Paul Helm é útil em relação ao discurso da Bíblia e ao nosso discurso de Deus nos modos temporal e especial:

A dificuldade é real o suficiente, mas isto não precisa ser mais intelectualmente embaraçoso do que se fala de elétrons não observáveis. Na religião e teologia, como em outras formas

---

tempo constitui um dos problemas mais difíceis em filosofia e teologia, talvez incapaz de solução em nosso presente condição" (Berkhof, Op. cit., p. 60).

<sup>62</sup> Para um excelente tratamento da harmonia da atemporalidade divina com outros atributos de Deus em oposição aos ataques dos filósofos, ver Paul Helm, Op. cit. Para outros filósofos que defendem a existência de Deus acima do tempo, veja R. L. Sturch, "The Problem of the Divine Eternity", *Religious Studies*, 10 (1974), pp. 487-493; Rogers, Op. cit.

sofisticadas de pensamento, a reflexão abstrata e teórica pode andar de mãos dadas com modos mais concretos e práticos de pensamento e fala.<sup>63</sup>

---

*A Significância de Deus  
Estando Acima do Tempo*

No decorrer deste artigo, a importância de Deus transcender o tempo tem sido sugerida em vários pontos. Resta agora reunir alguns destes tópicos para provar a significância do debate. Se alguém opta por Deus sendo acima do tempo, tem uma teologia harmoniosa. Se Deus é visto meramente como eterno, surgem problemas, especialmente se isto é transferido para outras áreas.

### *1. A Trindade*<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Helm, Op. cit., pp. 107-108.

<sup>64</sup> Curiosamente, Agostinho viu a importância da transcendência do tempo de Deus para a doutrina da Trindade. Ele não vai muito longe em sua discussão de Deus e do tempo em suas Confissões antes de falar da geração eterna do Filho (Confissões, xi:13, p. 263).

A teologia cristã se atreve a falar não apenas do Deus eterno, mas também da Trindade eterna, da geração eterna do Filho e da espiração ou proceder eterno do Espírito. Se Deus está acima do tempo, então somos ajudados em nossa confissão da plena igualdade do eterno Pai, Filho e Espírito Santo. No interesse da co-eternidade das Três Pessoas da Trindade, Agostinho escreve: “Portanto, aquele que entender a geração eterna do Filho pelo Pai sem tempo, entende também o proceder do Espírito Santo de ambos sem tempo.”<sup>65</sup>

Se, por outro lado, há tempo em Deus, então pareceria que o Filho foi gerado no tempo, por mais breve que tenha sido o período entre o Pai existindo sozinho e o Pai gerando o Filho.<sup>66</sup> Essa passagem do tempo nas relações Trinitárias “eternas” de Deus

---

<sup>65</sup> Agostinho, *Sobre a Trindade*, XV:xxvi:47, trad. Arthur West Haddan, em Philip Schaff (ed.), *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series*, vol. 3 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, repr. 1988), p. 225. Da mesma forma, a respeito dos relacionamentos pessoais dentro da Trindade, João Calvino escreve: “Na eternidade não pode haver espaço para primeiro ou último” (*Institutes of the Christian Religion*, I: xiii:18, trad. Henry Beveridge, vol. 1 [Grã-Bretanha: James Clarke & Co., repr. 1949], p. 126).

<sup>66</sup> Assim, de acordo com a visão eterna de Deus, Ário pode muito bem estar correto em sua afirmação de que “houve quando o Filho de Deus não existia”!

parece ser requerida ainda mais claramente pelo fato de que o Pai e o Filho assopram o Espírito.<sup>67</sup> Isto apresentaria o Pai como sendo de duração ligeiramente maior que a do Filho e a do Filho ligeiramente maior que a do Espírito.<sup>68</sup> Mas qualquer coisa um pouco menor que Deus, portanto, não é Deus. Então nós perdemos a Trindade e a Deidade de Jesus Cristo e, portanto, a possibilidade de salvação.<sup>69</sup>

Se os defensores de um Deus sempiterno argumentam que eles não querem tempo na geração eterna e no proceder eterno da Segunda e Terceira pessoas da Santíssima Trindade, perguntamos a eles:

---

<sup>67</sup> Assim, Agostinho observa que se há "intervalos de tempo" em Deus, então "poderia ser mostrado, ou pelo menos indagado, se o Filho nasceu primeiro do Pai, e depois o Espírito Santo procedeu de ambos" (Sobre a Trindade , XV:xxvi:47, p. 224). Robert L. Reymond, que defende a eternidade de Deus, não tem nada a dizer sobre o caráter eterno da geração do Filho nem da processão do Espírito (Op. cit., pp. 324-338). Assim, ele evita enfrentar o problema do tempo nas relações intertrinitárias.

<sup>68</sup> Além disso, isso significaria que o Pai não era eternamente Pai, pois houve um tempo em que Ele não tinha Filho.

<sup>69</sup> Para a necessidade da doutrina da Santíssima Trindade para nossa salvação, veja o Credo Atanasiano (1-28). Para a necessidade da Deidade de Cristo para nossa salvação, veja o Credo Atanasiano (29-44) e o Catecismo de Heidelberg, Dias do Senhor 5-6.

Onde então há espaço para o tempo em Deus? Se eles colocarem o tempo nos atributos de Deus, eles colocariam o tempo na Trindade pois, por exemplo, a onisciência de Deus envolve o Pai sabendo todas as coisas através do Filho e pelo Espírito. Se eles desejam colocar o tempo somente no decreto de Deus, então insistimos que isso também indica tempo na natureza de Deus uma vez que o decreto é o produto da sabedoria e do conhecimento de Deus. Além do mais, como Deus sabe através de Seu Ser Triúno, deve haver tempo nas relações eternas entre as Três Pessoas. Se aqueles, que sustentam que há sucessão de momentos em Deus, disserem que eles podem ensinar tanto a doutrina completa da Trindade *como* que há tempo em Deus, respondemos que fora das pessoas divinas, atributos e decretos, não há nada que seja Deus. Eles devem, portanto, rejeitar a eternidade divina e apegar-se à plena igualdade ontológica do Pai, Filho e Espírito Santo, negando todo subordinacionismo.<sup>70</sup>

Não apenas a transcendência de Deus ao tempo

---

<sup>70</sup> Cf. Agostinho: "Na tua Palavra tudo é dito ao mesmo tempo, mas eternamente. Se não fosse assim, a tua Palavra estaria sujeita ao tempo e à mudança e, portanto, não seria nem verdadeiramente eterna nem verdadeiramente imortal" (Confissões, xi :7, pág. 259).

preserva a igualdade das Três Pessoas da Santíssima Trindade, mas coloca a eternidade de Deus firmemente na categoria dos atributos incomunicáveis e não dos atributos comunicáveis de Deus.<sup>71</sup> Isto significa que os textos que se referem ao Filho e ao Espírito como eternos (e.g., Mic 5:2; Is 9:6; Hb 9:14) podem ser usados com mais facilidade para provar Sua divindade (a divindade do Filho e do Espírito).<sup>72</sup>

## 2. *O n i s c i ê n c i a*

Se os defensores da eternidade de Deus insistirem que pode haver tempo na natureza de Deus, embora não na geração eterna do Filho nem no eterno sopro do Espírito, eles necessariamente envolverão os

---

<sup>71</sup> Que a eternidade divina é incomunicável condena a Igreja Ortodoxa Oriental por seu ensino de que o homem redimido é deificado e a noção de Herman Dooyeweerd de que existe um centro supratemporal no coração humano (Clark, Op. cit., p. 81).

<sup>72</sup> A importância da eternidade do Filho é bem destacada nos comentários de R. C. H. Lenski sobre João 1:1: "Na primeira frase de João, a ênfase está nesta frase 'no princípio' e não no assunto 'o Verbo'. Isso significa que João não está respondendo à pergunta: 'Quem era no princípio?' ao qual a resposta seria naturalmente, 'Deus;' mas a pergunta: 'Desde quando é o Logos?' cuja resposta é: 'Desde toda a eternidade'" (A Interpretação do Evangelho de São João [EUA: Hendrickson Publishers, 1998], p. 27; itálico Lenski's).

atributos de Deus na imperfeição. Isso pode ser visto mais claramente pela consideração da onisciência de Deus. Se Deus está acima do tempo, então Ele sabe todas as coisas ao mesmo tempo e Seu conhecimento é, portanto, perfeitamente glorioso.<sup>73</sup> No entanto, se houver tempo na mente de Deus, então Seu pensamento deve envolver uma sucessão de pensamentos e, portanto, Deus não pode saber tudo de uma vez. As palavras de Agostinho sobre a *vontade* de Deus poderiam igualmente ser aplicadas ao Seu *conhecimento*:

Dentro de mim, ouço a voz alta da Verdade me dizendo que, desde que o Criador é verdadeiramente eterno, Sua substância é totalmente inalterada no tempo e Sua vontade não é algo separado de Sua substância. Isto eles certamente não negarão. Segue-se que Ele não deseja primeiro uma coisa e depois a outra, mas que deseja tudo que deseja simultaneamente, em um ato, e eternamente. Ele não repete esse ato

---

<sup>73</sup> Assim, I Timóteo 1:17 exalta "o Rei eterno, imortal, invisível, o único Deus sábio", onde a eternidade de Deus modifica Sua sabedoria.

de vontade repetidamente ou deseja coisas diferentes em tempos diferentes, e Ele nem começa a desejar o que antes não desejava nem deixa de desejar o que antes desejava. Uma vontade que age dessa maneira é mutável, e nada que seja mutável é eterno. Mas nosso Deus é eterno.<sup>74</sup>

### 3. *O Decreto Eterno de Deus*

A teologia Reformada mantém, há muito tempo, um debate interno entre o infralapsarianismo e supralapsarianismo a respeito da ordem dos decretos divinos. A questão pode, em poucas palavras, ser reduzida a isto: Deus decretou a salvação do eleito em Cristo subsequente (*infra*) ao decreto da criação e da Queda (*lapsus*)? Ou Ele decretou a salvação do eleito em Cristo antes (*supra*) do decreto da criação e da Queda (*lapsus*)? Ambos os lados confessam que não há sequência temporal em Deus decretando pois Ele está

---

<sup>74</sup> Augustine, Confessions, xii:15, p. 290.

acima do tempo.<sup>75</sup> Assim, a ordem dos decretos não é cronológica mas lógica, e a questão é: Qual é o principal propósito de Deus e quais são os meios para este fim?<sup>76</sup>

Se a eternidade de Deus é sua eternidade, então todo esse debate não somente é reduzido a discussões inúteis, semelhante ao escolasticismo medieval tardio, mas é também completamente teimosa. Além disso, se há realmente sucessão de momentos na vontade de Deus, então existe a possibilidade de que Deus reaja à Sua criação e, especialmente, às ações e vontade do homem. Em conexão com isto, é interessante notar que, embora Armínio mantivesse a posição clássica, ele “em nenhum lugar fundamenta o conhecimento divino de todas as coisas na existência de Deus em um

---

<sup>75</sup> Cf. Charles Hodge: "Que os decretos de Deus são eternos, necessariamente flui da perfeição do Ser divino... , MI: Eerdmans, repr. 1993], p. 538). Embora Robert L. Reymond afirme que Deus é eterno, ele exclui corretamente o tempo do decreto de Deus. Deus, diz ele, "sempre teve o plano [isto é, Seu propósito eterno] e dentro do próprio plano não há fator cronológico per se" (Op. cit., p. 463). A inclusão das pequenas palavras "per se" sugere, no entanto, que Reymond sente uma dificuldade em sua posição, pois por que mais elas são adicionadas?

<sup>76</sup> Para um excelente tratamento da ordem dos decretos e uma proposta de solução para o debate, ver Hoeksema, Op. cit., pp. 161-165.

presente eterno.”<sup>77</sup> Seu aluno, Simon Episcopius (1583-1643), e Philip van Limborch (1633-1712) seguiram a lógica da posição de Armínio e rejeitaram a visão clássica da posição “eterna”. Richard Muller aponta a lógica para isso:

De fato se, como argumentou Episcopius, a realidade do passado, presente e futuro depende do reconhecimento da duração imutável de Deus e, portanto, da realidade de sucessão para Deus considerada extrinsicamente, então é aberto um caminho para argumentar não apenas a relação mas também a inter-relação de Deus com o mundo e, talvez, *até uma certa determinação temporal do divino*.<sup>78</sup>

No entanto, alguns teístas do livre-arbítrio, como o Batista do Sul Michael D. Robinson, tem argumentado por suas posições não a partir da eternidade divina mas

---

<sup>77</sup> Richard A. Muller, *God, Creation, and Providence in the Thought of Jacob Arminius* (Grand Rapids, MI: Baker, 1991), p. 249; Arminius, *Op. cit.*, pp. 439-440.

<sup>78</sup> Muller, *Op. cit.*, p. 135; italics mine.

a partir da atemporalidade divina.<sup>79</sup> Eles argumentam que se Deus está eternamente presente, não há futuro para Ele e, portanto, Deus não pode saber de *antemão* o futuro.<sup>80</sup>

Este argumento repousa sobre a confusão sobre a palavra presciência. É verdade que a presciência não indica que algo seja futuro para Deus pois Ele está acima do tempo. Em vez disso, a presciência divina é um temporomorfismo derivado da linguagem do homem limitado pelo tempo.<sup>81</sup> Podemos colocar desta maneira: se um evento ocorre em um determinado momento, Deus não saberia atemporalmente daquele momento no dia anterior?<sup>82</sup> Atos 2:23 nos diz que

---

<sup>79</sup> Michael D. Robinson, *Eternity and Freedom: A Critical Analysis of Divine Timelessness as a Solution to the Foreknowledge/Free Will Debate* (Lanham, MD: University Press of America, 1995). Boécio também usou a atemporalidade divina para "redefinir" a presciência (cf. Helm, *Op. cit.*, pp. xii-xiii, 95-97).

<sup>80</sup> A presciência não é usada aqui no sentido rico do amor eterno de Deus por Seus eleitos em Jesus Cristo (Rm 8:29; I Pe 1:2), mas no sentido mais filosófico do conhecimento atemporal de Deus de eventos futuros para algum conhecedor temporal. .

<sup>81</sup> Cf. I. T. Ramsey: "Só podemos falar da eternidade através e em relação ao tempo" ("The Concept of the Eternal", in G. B. Caird et al. [eds.], *The Christian Hope* [Grã-Bretanha: SPCK, 1970], p. . 44).

<sup>82</sup> Cf. Helm, *Op. cit.*, p. 100.

Cristo foi entregue nas mãos cruéis daqueles que O crucificaram pela “presciência de Deus”. Deus não sabia disso atemporalmente no início da Semana da Paixão? *Da perspectiva do homem*, Deus sabia disso de antemão.<sup>83</sup>

Além disso, Atos 2:23 indica que o conhecimento atemporal de Deus dos eventos futuros, para os conhecedores temporais, é por meio do Seu “determinado conselho.” Assim, Deus conhece todos os eventos através de Seu decreto. Em outras palavras, Ele atemporalmente conhece todos os eventos reais como reais e não meramente possíveis, *porque Ele os determinou atemporalmente*.<sup>84</sup>

Michael Robinson está correto em dizer que existe um “dilema da presciência-livre arbítrio” somente se o livre arbítrio for entendido como liberdade *indeterminista*, isto é, uma habilidade para escolher sem que Deus tenha ordenado tudo que venha a

---

<sup>83</sup> Se a presciência fala antropotemporalmente do conhecimento de Deus do futuro, a lembrança de Deus fala antropotemporalmente do conhecimento de Deus do passado.

<sup>84</sup> Portanto, a presciência eterna de Deus é a causa de todos os eventos no tempo e os próprios eventos são efeitos.

acontecer.<sup>85</sup> Se por livre arbítrio, no entanto, se entende que o homem não é coagido mas escolhe de acordo com seus desejos, não há contradição, pois as livres escolhas do homem são eternamente decretadas.

Uma análise mais detalhada do livro de Robinson revela que sua (defeituosa) versão do Deus atemporal não é o Deus do Cristianismo clássico mas um Deus cuja vontade é condicionada à vontade do homem.<sup>86</sup> O teísmo do livre arbítrio não é uma inferência necessária da doutrina da atemporalidade divina. Nem são os dois de forma alguma compatíveis. Pelo contrário, parece que “a principal preocupação” e a principal motivação do livro de Robinson é atribuir uma (falsa) liberdade ao homem.<sup>87</sup> Isso levou a uma reformulação da atemporalidade divina com o abandono da soberania, independência, imutabilidade e onisciência de Deus.

---

<sup>85</sup> Robinson, Op. cit., p. 231.

<sup>86</sup> Cf., e.g., Ibid., pp. 236-238

<sup>87</sup> Ibid., pág. 231. Ao longo de seu livro, Robinson se opõe ao que ele chama de "determinismo causal" divino, isto é, a vontade soberana de Deus (por exemplo, Ibid., pp. 17, 25, 55, 57, 60-62, 143-146, 158- 160, 177-178, 200, 203-205, 235-238)!

Assim, voltamos à nossa observação original de que, enquanto a transcendência de Deus ao tempo preserva Sua absoluta soberania, a visão de Deus como eterno o coloca no tempo e, portanto, abre-o à possibilidade de responder à vontade do homem.<sup>88</sup> Essa idéia herética, como todas as idéias heréticas, é instável e pode degenerar rapidamente em uma concentração mais consistente em torno do homem. Rousas J. Rushdoony aponta a tendência básica do homem pecador:

O homem pecador procura tornar o tempo central e determinante de todas as coisas, o que significa que o homem, a criatura central no tempo, é determinante e central. Deus e a eternidade são subestimados ou negados, e a chave do significado está dentro do tempo. Se é permitida qualquer relevância a Deus, é na medida em que Ele é temporalizado e feito um

---

<sup>88</sup> Cf. Rousas J. Rushdoony: "Porque Deus é um ser eterno e incriado, e de modo algum dependente de qualquer criatura, todas as condições, fatores e conseqüências são totalmente parte do decreto eterno de Deus" (Systematic Theology, vol. 1 [EUA: Ross House Books, 1994], p. 184).

aspecto da ascensão de estar no tempo.<sup>89</sup>

Isto é aparente em grande parte da literatura contemporânea sobre o assunto. Por exemplo, existem filósofos que argumentam que, uma vez que nossos pensamentos requerem sucessão, os pensamentos de Deus também requerem. Portanto, Deus não pode estar acima do tempo.<sup>90</sup> Esta é meramente uma forma mais sofisticada da idolatria condenada em Romanos 1:18-32. Os pagãos em Romanos 1 colocaram Deus no espaço; esses filósofos incrédulos o colocam no tempo.

Outros escritores modernos, não contentes nem mesmo com um Deus eterno, defendem visões mais depreciativas e bizarras, até mesmo intoxicantes, de Deus e do tempo. O polímata Francês Andre Mercier,

---

<sup>89</sup> Ibid., pág. 183. Da mesma forma, Colin Gunton observa que o homem moderno quer tornar o tempo "absoluto" (Op. cit., p. 264). Sobre o assunto "a paixão filosófica pelo tempo presente", Robert Cummings Neville observa: "Com o período moderno... algo na experiência de pensadores conscientes subjetivos é buscado como a marca e até mesmo a definição da verdade". Ele observa que uma suposição chave de Kant é que "o tempo é a forma à qual todas as coisas devem se conformar e que, se apenas entendêssemos o tempo, entenderíamos algo a priori sobre tudo" (Eternity and Time's Flow [New York: State University of New York Press, 1993], pp. 31-32). Assim surge a pergunta: Por que não aplicar isso a Deus?

<sup>90</sup> Cf. Helm, Op. cit., pp. 54ff.

Robert Neville e o Jesuíta Tibor Horvath servem bebidas fermentadas inebriantes da eternidade divina incluindo elementos do Cristianismo, religiões orientais, filosofia, existencialismo, teoria científica e pura especulação.<sup>91</sup> A forte afirmação de Rushdoony contém muita verdade: “A doutrina da eternidade de Deus é básica para qualquer entendimento da fé. Sem essa doutrina, os homens são todos humanistas.”<sup>92</sup>

#### 4. C r i a ç ã o

Nós temos considerado, até agora, o significado da atemporalidade divina para as obras de Deus *ad intra*: Suas Pessoas, atributos e decretos. Agora nos voltamos para Seu primeiro trabalho *ad extra*, criação. Aqui observamos que apenas a visão da eternidade de Deus

---

<sup>91</sup> Andre Mercier, *God, World, and Time* (Alemanha: Peter Lang, 1996); Neville, *Op. cit.*; Tibor Horvath, *Eternidade e Vida Eterna: Teologia Especulativa e Ciência no Discurso* (Ontário: Wilfrid Laurier University Press, 1993). Como seria de esperar, a tendência do pensamento moderno de temporalizar Deus se reflete na ênfase da teologia contemporânea na imanência da "vida eterna" no aqui e agora e na negação ou desconsideração de sua culminação no estado futuro (cf. Charles Stinson, "On the Time-Eternity 'Link': Some Aspects of Recent Christian Eschatology," *Religious Studies*, 13 [1977], pp. 49-62).

<sup>92</sup> Rushdoony, *Op. cit.*, p. 184.

como transcendendo o tempo pode responder satisfatoriamente à pergunta feita pelos maniqueus a Agostinho: “O que Deus estava fazendo antes de fazer o céu e a terra?”<sup>93</sup>

Agostinho rejeita com razão a “resposta frívola” de que “Ele estava preparando o Inferno para pessoas que se metem em mistérios,” já que “uma coisa é tirar sarro do interlocutor e outra é encontrar a resposta.”<sup>94</sup> Em *Cidade de Deus*, Agostinho traça um paralelo entre tempo e espaço: “Pois, como eles exigem o por que de o mundo ter sido criado naquela época e não antes, podemos perguntar por que ele foi criado exatamente onde está e não em outro lugar.”<sup>95</sup>

Embora essa resposta possa fazer o questionador parar para pensar, o coração da resposta de Agostinho é: “Tu criastes todo o tempo; Tu és antes de todo o tempo; e o ‘tempo,’ se assim podemos chamar, quando

---

<sup>93</sup> Agostinho, Confissões, xi:10, p. 261. Calvino também se refere a esta questão (Institutes, I:xiv:1, pp. 141-142).

<sup>94</sup> Augustine, Confessions, xi:12, p. 262.

<sup>95</sup> Agostinho, A Cidade de Deus, xi:5, trad. Marcus Dods, em Philip Schaff (ed.), A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series, vol. 2 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, repr. 1983), p. 207.

o tempo não havia não era tempo de forma alguma.”<sup>96</sup>

Por outro lado, se Deus é meramente eterno, é difícil ver como Ele pode ser liberto da acusação de ser ocioso. Ele esperou por meio do tempo infinito antes de criar o mundo. Isto então O torna infinitamente ocioso? Isso também não sugere muita paciência em nome de Deus? Como Gordon Clark pergunta, um tanto irônico, “Poderia Deus ter previsto as inúmeras eras de tão grande obra como a criação?”<sup>97</sup>

### 5. *A d o r a ç ã o e C o n f o r t o*

Se as quatro primeiras explicações do significado da eternidade de Deus são principalmente teológicas, a última é eminentemente prática. Vimos que o Deus que é verdadeiramente Deus é aquEle que é exaltado acima do tempo. Somente Ele pode ser adorado e nenhum outro. Somente Ele, para usar a frase de Anselmo, é aquilo em que nada maior pode ser concebido. Deveria ser evidente a partir do que foi precedido que somente Ele é digno de adoração e,

---

<sup>96</sup> Augustine, Confessions, xi:13, p. 263.

<sup>97</sup> Clark, Op. cit., p. 78

portanto, devemos desejar adorá-Lo. O “rabino” John Duncan, um presbiteriano escocês do século XIX, faz a seguinte observação maravilhosa sobre o Deus eterno:

Quando na Escola de Gramática em Aberdeen, consegui um volume de George Campbell no qual ele ridiculariza, como loucura lamentável, a noção de que para Deus não há passado, presente ou futuro – para Ele todos são um. Lembro-me de como detestava George Campbell por isso. Achei este o pensamento mais magnífico que eu já encontrei.<sup>98</sup>

Em Deuteronômio 33 temos o relato da bênção de Moisés às doze tribos de Israel (v.1-25). Moisés encerra exaltando a incomparabilidade, transcendência e glória de Deus: “Não há outro, ó Jesurum, semelhante a Deus, que cavalgava sobre os céus para a tua ajuda, e com a sua majestade sobre as mais altas nuvens” (v.26). O atributo de Deus que ele destaca como participante dessas qualidades e essencial para sua bênção profética é a eternidade de Deus. O Deus que está acima do

---

<sup>98</sup> Quoted in Helm, *Op. cit.*, p. x; italics mine.

tempo governa o futuro para o bem da igreja. Este é o conforto de Israel: “O Deus eterno é a sua habitação, e por baixo estão os seus braços *eternos*” (v.27). Não é de se admirar que Moisés conclua, “Bem-aventurado tu, ó Israel! Quem é como tu? Um povo salvo pelo Senhor [i.e., Jeová]” (v.29).

Esse conforto não se aplica apenas ao povo de Deus coletivamente, mas também individualmente. No Salmo 31 Davi é criticado por seus inimigos (v.11) e difamado por todos os lados (v.13). Qual é a resposta dele? “Os meus tempos estão na tua mão” (v.15). A fé repousa no Rei dos séculos. Que grande consolo nós temos em saber que o Deus que nos ama está além da finitude e mudança do tempo, e que Ele é o Criador e dispõe do tempo para a nossa salvação! Não é apenas a vida e a morte e os pregadores e o mundo (*kosmos*) mas também o tempo que faz parte de “todas as coisas” que cooperam para o nosso bem (I Cor. 3:22; Rm. 8:28)!<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> O tempo está incluído em "coisas presentes" e "coisas por vir" em I Coríntios 3:22

## *Como ajudar nosso ministério*

Como ajudar nosso ministério Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:

1. Comprar uma cópia física;
2. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
3. Tradução, Revisão ou Narração ([contato@legadoreformado.com](mailto:contato@legadoreformado.com))
4. Deixar uma review no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

**Que Deus o abençoe.**

# OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS



**A Cruz**  
**J.C. Ryle**

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão**.

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão**.

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos**.

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos**.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## **Satanás e Seu Evangelho**

**A.W. Pink**

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



**O Pai Nosso**  
**A.W.Pink**

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## **A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs**

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## **A Importância da Bíblia** **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## **O Atleta Celestial** **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousa dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



**Deus Acima do Tempo**  
**Angus Stewart**

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



**Nas Pegadas do Cordeiro**  
**George Steinberge**

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## **Orgulho e Humildade** **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



**Julgai Todas as Coisas**  
**J.C. Ryle**

Dê-me sua atenção por alguns minutos, e tentarei mostrar o que quero dizer. Havia três grandes doutrinas ou princípios que venceram a batalha da Reforma Protestante:

- A suficiência e supremacia da Escritura Sagrada.
- O direito de julgamento privado.
- Justificação somente pela fé, sem as ordenanças da lei.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



## **Praticando a Presença de Deus** **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)